MATURIDADE AFETIVA NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL E NA FORMAÇÃO PRESBITERAL: DIÁLOGO COM A PSICOLOGIA

Igor César Bezerra e Silva[1]

Resumo

O artigo analisa a maturidade afetiva como critério pastoral para o discernimento vocacional e a formação presbiteral. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, articula psicologia, antropologia cristã e documentos eclesiais, aprofundando especialmente Amedeo Cencini e incorporando Anselm Grün. Os resultados indicam que a integração afetivo-sexual, a liberdade interior, os vínculos maduros e a formação permanente são condições decisivas para uma resposta vocacional responsável, relacionalmente segura e pastoralmente fecunda.

Palavras-chave: Discernimento. Afetividade. Celibato. Presbiterado. Formação humana.

1 INTRODUÇÃO

A maturidade afetiva tornou-se uma questão decisiva para a pastoral vocacional e para a formação presbiteral porque a resposta ao chamado cristão não ocorre fora da história concreta da pessoa. O candidato chega ao processo formativo com experiências familiares, vínculos, desejos, perdas, expectativas, recursos emocionais e fragilidades que interferem diretamente em sua maneira de relacionar-se consigo mesmo, com Deus, com a comunidade e com a missão. Por essa razão, discernir uma vocação não significa apenas verificar convicções religiosas ou capacidades intelectuais, mas compreender a liberdade real com que o sujeito assume um projeto de vida estável, relacional e orientado ao serviço.

[1] Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco e graduando em Teologia na mesma instituição. E-mail: igorcesar2011@hotmail.com

No contexto contemporâneo, esse desafio se amplia diante de trajetórias juvenis marcadas por prolongamento da transição para a vida adulta, instabilidade identitária, fragilidade de vínculos, exposição intensa à comparação social e dificuldade de sustentar compromissos duradouros. Tais características não autorizam uma leitura negativa das juventudes, mas exigem processos mais cuidadosos de escuta e acompanhamento. A pergunta vocacional precisa ser situada no interior de um processo mais amplo de amadurecimento humano, no qual a pessoa aprende a reconhecer emoções, nomear necessidades, suportar frustrações, estabelecer limites e assumir responsavelmente as consequências de suas escolhas.

Este estudo parte do problema de como compreender a maturidade afetiva de maneira teológica e psicologicamente consistente, sem reduzir a vocação a critérios clínicos e sem espiritualizar dificuldades humanas que exigem elaboração. O objetivo é analisar a maturidade afetiva como critério pastoral para o discernimento vocacional e para a formação presbiteral, aprofundando a contribuição de Amedeo Cencini e estabelecendo diálogo complementar com Anselm Grün. Busca-se mostrar que afetividade, sexualidade, liberdade, interioridade, alteridade, amizade e capacidade de solidão precisam ser integradas em um itinerário formativo contínuo.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa e caráter teológico-pastoral, articulando documentos do Magistério católico e literatura de psicologia, formação sacerdotal e espiritualidade. A análise está organizada em quatro eixos: sinais dos tempos e fragilidades contemporâneas; maturidade afetiva e celibato na perspectiva de Cencini; interioridade, vínculos e crise em Grün; e implicações para o Serviço de Animação Vocacional e para a formação presbiteral integral.

2 MATURIDADE AFETIVA E FORMAÇÃO VOCACIONAL

2.1 Sinais dos tempos, vínculos e liberdade vocacional

A passagem para a vida adulta envolve hoje tarefas prolongadas de construção da identidade, autonomia, pertencimento e definição de projetos. A literatura sobre adultos emergentes mostra que essas dimensões podem permanecer em elaboração para além da adolescência, fazendo com que escolhas existenciais profundas coexistam com estruturas pessoais ainda pouco consolidadas. No discernimento vocacional, isso exige distinguir entusiasmo inicial de consistência motivacional, necessidade de pertencimento de real capacidade de compromisso e idealização religiosa de liberdade para assumir limites e responsabilidades (Andrade, 2016; Melendro et al., 2020).

A qualidade dos vínculos é um indicador especialmente relevante. Padrões de apego inseguros podem repercutir nas relações adultas por meio de dependência excessiva, medo de abandono, dificuldade de confiança, evitação da intimidade ou necessidade de controle. Tais padrões não determinam o futuro do candidato, mas precisam ser conhecidos e trabalhados, porque o presbiterado supõe convivência, fraternidade, proximidade pastoral e capacidade de estabelecer relações afetivamente significativas sem apropriação do outro. A formação deve favorecer vínculos mais livres, nos quais a carência possa ser reconhecida sem transformar pessoas ou funções ministeriais em objetos de compensação (Becker; Crepaldi, 2019).

Também a regulação emocional participa da liberdade vocacional. A capacidade de reconhecer e manejar ansiedade, raiva, rejeição, solidão e frustração reduz a probabilidade de respostas impulsivas ou defensivas e aumenta a possibilidade de decisões coerentes com valores assumidos. A maturidade afetiva, portanto, não significa ausência de conflito emocional, mas maior capacidade de integrar o afeto à consciência e à decisão. Esse entendimento converge com a orientação eclesial de que a formação

humana é fundamento indispensável para a formação espiritual, intelectual e pastoral (Brewer; Zahniser; Conley, 2016; Congregação para o Clero, 2016).

2.2 Amedeo Cencini: liberdade, afetividade e celibato como integração

A contribuição de Amedeo Cencini é particularmente fecunda porque desloca a discussão do celibato do campo exclusivo da disciplina para o campo da formação da pessoa. Em sua abordagem, o celibato consagrado não pode ser compreendido apenas como ausência de relações conjugais ou contenção do impulso sexual. Ele se torna humanamente significativo quando é assumido como forma positiva de amar, isto é, como escolha capaz de reorganizar desejos, necessidades e energias afetivas em direção a uma disponibilidade relacional mais ampla. O núcleo do problema formativo passa, assim, da mera observância externa para a qualidade da liberdade com que a pessoa vive sua opção (Cencini, 2017).

Essa perspectiva permite compreender que a maturidade afetiva possui caráter dinâmico. Não se trata de alcançar um estado definitivo no qual desapareçam desejos, atrações, carências ou conflitos, mas de aprender a reconhecê-los, interpretá-los e integrá-los no projeto vocacional. A pessoa madura não é aquela que deixa de necessitar de afeto, mas aquela que se torna progressivamente capaz de receber e oferecer afeto sem exigir do outro a função de preencher integralmente suas necessidades. Por isso, o autoconhecimento não é acessório: ele permite identificar dependências, idealizações, mecanismos defensivos e áreas vulneráveis antes que sejam projetados sobre a comunidade ou sobre pessoas acompanhadas pastoralmente (Cencini, 2017).

Cencini também ajuda a distinguir repressão de renúncia integrada. A repressão procura negar ou silenciar o desejo, frequentemente por medo, culpa ou idealização de uma imagem de perfeição. A renúncia madura, ao contrário, reconhece o valor humano do que é deixado e o integra a uma escolha considerada portadora de sentido maior. Nessa chave, a sexualidade não é um obstáculo extrínseco à vocação, mas uma dimensão

constitutiva da pessoa que necessita de educação. O celibato torna-se formativo quando favorece uma afetividade capaz de ternura, reciprocidade, respeito aos limites, amizade e fecundidade pastoral, evitando tanto a banalização quanto a negação do corpo e do desejo (Cencini, 2017).

Outro aspecto decisivo é a relação entre maturidade e alteridade. Uma opção celibatária pode aparentar coerência exterior e, ao mesmo tempo, esconder formas de fechamento, autossuficiência, dependência afetiva ou busca compensatória de reconhecimento. Por isso, o critério formativo não pode ser apenas a ausência de transgressões, mas a presença crescente de capacidade de amar pessoas reais em relações não possessivas. A maturidade se verifica na liberdade diante da aprovação, na abertura à correção, na tolerância à diferença, no respeito à vulnerabilidade alheia e na capacidade de estabelecer proximidade sem ultrapassar limites éticos. Trata-se de uma maturidade que se prova no encontro com o outro, não apenas na disciplina individual (Cencini, 2017).

A formação permanente ocupa, nesse pensamento, lugar estrutural. A afetividade não amadurece de modo automático com a idade ou com a ordenação. Mudanças de comunidade, conflitos pastorais, solidão, frustrações ministeriais, experiências de fracasso e crises próprias das etapas da vida podem reativar necessidades antigas e expor áreas pouco integradas. Por isso, o processo formativo precisa continuar depois do seminário, oferecendo espaços de supervisão, direção espiritual, fraternidade, revisão de vida e, quando necessário, acompanhamento psicológico. A fidelidade é compreendida como realidade dinâmica, capaz de aprender com novas situações e de transformar crises em ocasião de crescimento (Cencini, 2017).

Essa abordagem tem consequências diretas para o discernimento. Um candidato não deve ser avaliado apenas pelo que afirma desejar, mas também pelo modo como vive relações, recebe limites, enfrenta a solidão, administra frustrações, cuida do próprio corpo e reconhece sua sexualidade.

A pergunta não é se ele possui uma história sem conflitos, mas se demonstra capacidade real de elaborá-los com verdade e responsabilidade. A maturidade afetiva torna-se, assim, uma condição de liberdade vocacional: quanto mais o sujeito conhece suas motivações e integra seus dinamismos internos, menor o risco de utilizar a vocação para escapar de conflitos identitários, familiares ou relacionais.

2.3 Anselm Grün: interioridade, amizade, solidão e crise

Anselm Grün complementa essa reflexão ao insistir que a vida celibatária precisa ser habitada de modo positivo e concreto. Ao tratar da existência sacerdotal, destaca a importância de uma rotina capaz de dar forma ao cotidiano, de relações de amizade nas quais o sacerdote possa ser acolhido como pessoa e não apenas pelo papel que exerce, e de uma interioridade na qual possa reconhecer a si mesmo diante de Deus. Essa perspectiva é relevante porque uma espiritualidade desconectada das necessidades emocionais pode favorecer ativismo, exaustão e formas compensatórias de lidar com vazio e frustração (Grün, 2003).

Para Grün, amizade e solidão não são polos contraditórios. A vida celibatária requer vínculos nos quais haja confiança, reciprocidade e espaço para mostrar fragilidade, mas também requer capacidade de não exigir que uma única relação ofereça toda a sustentação afetiva de que a pessoa necessita. Quando o sujeito não está em contato consigo mesmo, tende a sobrecarregar amizades e a esperar delas uma função que nenhuma relação humana pode cumprir integralmente. A maturidade supõe, então, tanto uma rede relacional saudável quanto a capacidade de permanecer consigo mesmo, sem converter a solidão em isolamento ou fuga (Grün, 2003).

A contribuição de Grün torna-se ainda mais significativa quando aborda as crises da vida adulta. Em sua leitura da crise da meia-idade, o enfraquecimento de antigos entusiasmos, a sensação de vazio e a revisão de escolhas podem funcionar como ocasião de verdade. Em vez de

responder à crise apenas com ativismo, rigidez ou mudanças externas precipitadas, o sujeito é chamado a confrontar limites, rever imagens idealizadas de si e permitir que a experiência espiritual seja purificada. Essa compreensão é particularmente útil para a formação permanente do clero, pois mostra que determinadas crises não são simplesmente falhas de vocação, mas momentos que exigem acompanhamento e novo trabalho de integração pessoal (Grün, 2004).

Em diálogo com Cencini, Grün reforça uma compreensão não dualista da formação. Corpo, emoções, sexualidade, vínculos e espiritualidade pertencem à mesma pessoa e não podem ser tratados como compartimentos independentes. A vida espiritual madura não elimina a afetividade, mas cria condições para que ela seja reconhecida e orientada. Por isso, a ascese não deve ser confundida com desprezo do corpo, nem o recolhimento com isolamento. A qualidade da experiência de Deus pode ser percebida também nos frutos relacionais que produz: maior verdade sobre si, disponibilidade, serenidade, compaixão e capacidade de amar sem dominar.

2.4 Implicações para o discernimento e a formação presbiteral

No Serviço de Animação Vocacional, essas contribuições sugerem substituir uma lógica de recrutamento por uma pedagogia de discernimento. O acompanhamento precisa oferecer tempo suficiente para que o jovem confronte seu desejo vocacional com experiências concretas de responsabilidade, estudo, trabalho, convivência, serviço e oração. A escuta deve considerar história familiar, amizades, experiências afetivas, relação com autoridade, reação a perdas, modo de lidar com conflitos e expectativas acerca do sacerdócio. O objetivo não é invadir a intimidade, mas verificar se a decisão se torna progressivamente mais livre, realista e integrada.

A gradualidade é essencial. O entusiasmo religioso pode ser autêntico, mas não é suficiente para demonstrar estabilidade. Itinerários mais longos

permitem observar continuidade de compromissos, capacidade de cooperação, responsabilidade cotidiana e reação a contrariedades. Em algumas situações, adiar o ingresso no seminário pode constituir uma decisão pastoral prudente, oferecendo tempo para consolidar autonomia, elaborar questões familiares, desenvolver recursos relacionais ou buscar acompanhamento profissional. A Ratio Fundamentalis insiste que o discernimento deve considerar as qualidades humanas necessárias ao ministério e respeitar a verdade concreta da pessoa (Congregação para o Clero, 2016).

No seminário, a vida comunitária deve ser reconhecida como espaço efetivo de formação afetiva. É na convivência que aparecem competitividade, ciúme, busca de reconhecimento, dificuldade de perdão, generosidade, capacidade de servir e tolerância à diferença. Esses elementos oferecem material formativo que precisa ser trabalhado e não apenas disciplinado. A comunidade torna-se fecunda quando permite correção, diálogo e reparação, evitando tanto ambientes invasivos quanto culturas de silêncio que favoreçam ocultamento. A formação humana funciona como base concreta das demais dimensões da formação sacerdotal (João Paulo II, 1992; Congregação para o Clero, 2016).

A educação afetivo-sexual também precisa ser sistemática. Não basta apresentar normas sobre o celibato; é necessário oferecer linguagem adequada para falar de desejo, atração, amizade, intimidade, limites, solidão e responsabilidade. Pesquisas em contextos de vida religiosa mostram que afetividade e sexualidade ainda podem permanecer como temas difíceis de partilhar, o que reforça a necessidade de ambientes formativos seguros e de acompanhamento competente. A psicologia pode contribuir para autoconhecimento e avaliação de vulnerabilidades, sem substituir a direção espiritual ou o juízo eclesial e respeitando os limites éticos e profissionais (Pacciolla; Sanagiotto, 2020).

Por fim, a formação permanente deve ser considerada parte constitutiva da maturidade ministerial. Nenhuma ordenação encerra o

trabalho humano de integrar história, afetos e limites. Espaços regulares de fraternidade presbiteral, acompanhamento espiritual, supervisão pastoral e cuidado psicológico quando necessário ajudam a prevenir isolamento, rigidez e compensações relacionais. Nessa perspectiva, Cencini e Grün convergem em um ponto decisivo: a fidelidade não é imobilidade, mas capacidade de continuar formando-se, reconhecendo novas necessidades e respondendo às crises com maior verdade, liberdade e abertura ao outro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maturidade afetiva deve ser compreendida como dimensão constitutiva do discernimento vocacional e da formação presbiteral. Ela não se reduz à ausência de sintomas, ao controle da sexualidade ou à adequação exterior às normas. Expressa-se na capacidade de integrar história pessoal, emoções, sexualidade, vínculos, limites, liberdade e responsabilidade em um projeto de vida orientado ao dom de si. Essa compreensão evita tanto a psicologização da vocação quanto a espiritualização de conflitos humanos que precisam ser reconhecidos e elaborados.

O aprofundamento de Cencini mostra que o celibato somente adquire consistência formativa quando é vivido como modalidade positiva de amar e quando a renúncia nasce de uma liberdade afetivamente integrada. Grün amplia esse horizonte ao chamar atenção para interioridade, amizade, rotina, solidão e crises próprias das etapas da vida. Juntos, esses aportes permitem compreender que a maturidade não é um requisito concluído antes da ordenação, mas um processo permanente no qual a pessoa aprende a conhecer-se, relacionar-se com maior liberdade e transformar limites e crises em ocasião de crescimento.

Para a pastoral vocacional e os seminários, a consequência é clara: é necessário investir em acompanhamento gradual, educação afetivo-sexual, vida comunitária formativa, critérios éticos de relação, integração responsável da psicologia e formação permanente. O objetivo não é

produzir um perfil humano padronizado, mas favorecer sujeitos capazes de verdade sobre si, alteridade, comunhão e responsabilidade pastoral. Cuidar da maturidade afetiva significa, em última análise, cuidar do candidato, do futuro presbítero e das comunidades às quais seu ministério será confiado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cláudia. A construção da identidade, auto-conceito e autonomia em adultos emergentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 137-146, 2016.

BECKER, Ana Paula Sesti; CREPALDI, Maria Aparecida. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 238-260, 2019.

BREWER, Stephanie K.; ZAHNISER, Evan; CONLEY, Colleen S. Longitudinal impacts of emotion regulation on emerging adults: variable- and person-centered approaches. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 47, p. 1-12, 2016.

CENCINI, Amedeo. *Por amor, con amor, en el amor*: libertad y madurez afectiva en el celibato consagrado. 7. ed. Salamanca: Sígueme, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral*: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. Cidade do Vaticano, 8 dez. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20161208_ratio-fundamentalis-institutionis-sacerdotalis_sp.html. Acesso em: 25 ago. 2026.

GRÜN, Anselm. *40 anos*: idade de crise ou tempo de graça? Pádua: Edizioni Messaggero di Sant'Antonio, 2004.

GRÜN, Anselm. *The seven sacraments*. New York: Continuum, 2003.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis*: sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. Cidade do Vaticano, 25 mar. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html. Acesso em: 25 ago. 2026.

MELENDRO, Miguel; CAMPOS, Gema; RODRÍGUEZ-BRAVO, Ana Eva; ARROYO RESINO, Delia. Young people's autonomy and psychological well-being in the transition to adulthood: a pathway analysis. *Frontiers in Psychology*, v. 11, art. 1946, 2020.

PACCIOLLA, Aureliano; SANAGIOTTO, Vagner. Formação à afetividade na Vida Religiosa Consagrada: uma investigação empírica sobre os contextos formativos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 80, n. 317, p. 504-518, 2020.